

O IMPACTO DO PROCESSO DE ORIENTALIZAÇÃO DA RELIGIÃO NO OCIDENTE: um estudo com estudantes universitários

The impact of the western religion orientalizacion processes. A survey with university students.

CLELIA PERETTI *

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

ARTÍCULO POR INVITACION

Recibido Mayo 10, 2008

Resumen

Este trabajo trata sobre el impacto de las religiones orientales en la formación religiosa y/o espiritualidad entre los académicos de algunos cursos de graduación de la Pontificia Universidad Católica del Paraná (PUC PR)- Brasil, a partir de la perspectiva teórica de Colin Campbell en su artículo "La orientalización de Occidente: reflexiones sobre una nueva teodicea para un nuevo milenio (1997)". Este estudio fue realizado en el desarrollo académico de los cursos de Enseñanza de la Cultura Religiosa en la universidad referida, en el periodo del año 2007 y el inicio del 2008. La comprensión de este proceso es fruto de conversaciones informales y formales, de participación activa y de contribuciones de los alumnos en el desarrollo del programa. La experiencia de enseñanza de la Cultura Religiosa con académicos de niveles socio-culturales y edades variadas nos muestran que el mundo religioso es, al mismo tiempo, vasto, complejo y fascinante. Se percibe, en las conversaciones con los académicos, cierto rechazo por las religiones tradicionales y una búsqueda por prácticas religiosas más flexibles, que permitan una elevación espiritual, el desarrollo del cuerpo y de la mente. Esta nueva visión induce al individuo a una libre elección para ir en búsqueda de nuevos caminos, en un viaje interior en el cual la salvación se encuentra dentro de si mismo.

Palabras Claves: Orientalización de la religión; Práctica de Enseñanza; Religiosidades y espiritualidades; Teodicea.

Abstract

This work tries to discuss the impact of Eastern religions in religious formation and / or spirituality among academic of graduation courses of the Pontifícia Universidade Católica of Paraná (PUC - PR) - Brazil, from the theoretical perspective of Colin Campbell in his article The orientalizacao of the West: reflections on a new theodicey for a new Millennium (1997). This study was carried out daily in Teaching of Religious Culture at the university named, in the period of 2007 and early 2008. The understanding of this process is the result of formal and informal conversations, the active participation and contributions of students in developing the program. The experience of teaching Religious Culture with academic of distinct socio-cultural level and diverse ages shows us that the world is religious, while vast, complex and fascinating. We could realize, clearly, in the discussions with academics, some revulsion by traditional religions and a quest for more flexible religious practices, aimed at raising the spiritual and body and mind development. This new vision leads the individual to choose searching for new ways, in an inner journey in which salvation is found within oneself.

Keywords: Religiosity guiding; Religiosity and spirituality; Teaching practice; Theodicey.

* Correspondencia. Centro de Teologia y Ciencias Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Campus Curitiba, Rua Imaculada Conceição, 1155 Prado Velho 80215-901, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: cperetti@brturbo.com.br

Introdução

Esta reflexão surgiu de uma indagação do impacto das culturas orientais no processo de formação e escolha de religiosidades e espiritualidades com estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Nosso propósito é, na verdade, relatar o que constatamos com o ensino de Cultura Religiosa com estudantes de alguns cursos de graduação a seguir: Psicologia, Filosofia, Educação Física, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Ciências Contábeis, Administração, Desenho Industrial - Hab. Projeto do Produto Arquitetura e Urbanismo, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção (Autocontrole e Automação) e Engenharia Civil, investigados no primeiro e segundo semestres de 2007 e no início do primeiro semestre de 2008.

O Programa de Aprendizagem da Cultura Religiosa é parte integrante da formação universitária e componente básico de todos os projetos de graduação que, juntamente com as disciplinas de Ética, Processos do Conhecer e Filosofia, constituem um referencial teórico em torno da construção do conhecimento e da formação humana. Evidencia-se, desse modo, a necessidade de pesquisa científica aliada à educação de pessoas solidárias comprometidas com uma Ética em favor da Vida, da Liberdade e da Cidadania Plenas.

A formação humana mostra-se necessária, diante das novas formas de convívio humano, da maior produtividade, da competitividade, da desordem social, da mudança de valores que promulgam uma mudança de pensamento e uma nova consciência do homem. Conforme Juan Antonio Blanco (1995), filósofo cubano, estamos diante de um deslocamento da verdade, ou, como dizia Marx Weber, num «desencantamento» do mundo (Taylor, 1994).

Na verdade, quando analisamos a realidade atual, percebemos que estamos diante do provisório, do efêmero, onde o fútil e o temporário são mais expressivos do que o eterno, o imutável, o integrado, o harmônico e o transcendente. Entretanto, alguns autores falam de um retorno da religião (Daniel Bell, 1980) e que o século XXI será religioso (Houtart, 2002).

Na perspectiva pós-moderna, a religião pertence ao indivíduo, ou seja, apresenta-se como fenômeno da subjetividade. Cada pessoa elege suas crenças, as quais são numerosas e não são impostas de fora, ou seja, mudam de acordo com as circunstâncias. O indivíduo é dono de sua própria vida e isso explica o pluralismo religioso (Hoover, 1997).

Dessa forma, pensar num Programa de Cultura Religiosa em âmbito acadêmico significa pensar o ser humano na sua complexidade, na interação das dimensões física, psíquica, social, religiosa e histórica, e que nele polarizam-se imanência e transcendência. Por toda parte têm-se presenciado o surgimento de um renovado interesse pela espiritualidade e por suas expressões religiosas.

A aproximação ao fato religioso, o estudo da experiência religiosa do outro, não importa a qual cultura ou época pertença levar-nos-á a uma mudança na própria maneira de ler, interpretar e contemplar o fenômeno religioso. Analisar a experiência religiosa e suas manifestações no universo acadêmico leva-nos a refletir como o ser humano é capaz de expressar o vivido como algo transcendente, como a experiência religiosa vai tomando forma não somente no contexto histórico e cultural, mas também na vida das pessoas e no exercício de sua profissão.

O Programa de Cultura Religiosa oferecido na PUC - PR visa fornecer elementos de conhecimento, análise e experiência da dimensão transcendente do ser humano. Busca ultrapassar os enfoques racionalistas e cientificistas através de outra leitura da realidade, na dinâmica da fé, nas estruturas míticas, na afetividade, na sensibilidade e nas várias faces do relacionamento com o outro, com o Mistério e com o Universo. Ao mesmo tempo, examina as forças simbólicas presentes nas pessoas e nas culturas, e que devem conviver e se expressar no diálogo com as mais avançadas formas de linguagem científico-tecnológicas; instiga a espiritualidade e a abertura polifônica ao sagrado na história, na cultura e no cotidiano de cada ser humano; amplia e valoriza o sentido da Vida; questiona o saber puramente instrumental que aliena e desumaniza e revela lacunas do saber científico-tecnológico ao ressaltar que a pessoa, no seu anseio existencial, exige respostas na perspectiva do infinito.

Assim sendo, iniciamos nossa pesquisa no cotidiano da sala de aula por acreditar que esse é um espaço propício para o desenvolvimento da sensibilidade, da dignidade, da ética e da justiça no ser humano, sendo necessário para tanto, o professor e a universidade terem as habilidades e estratégias para o desenvolvimento das atividades formativas.

Ressaltamos que a oferta do Programa de Cultura Religiosa é obrigatória para todos os cursos, possuindo uma carga horária de 36 horas. As aulas são ministradas uma vez por semana e, o número de alunos varia de 30 a 60, de acordo com o período em que o programa é ofertado. A maioria dos estudantes é oriunda de diferentes contextos e tradições religiosas, de classe média alta, com faixa etária de 18 a 50 anos. O caráter da pesquisa é essencialmente exploratório, a técnica utilizada é a observação participante. Os resultados expostos sintetizam os dados coletados em conversas informais e formais, assim como, da participação em aulas e em seminários sobre as religiões realizados no decorrer de cada semestre. A pesquisa tem seu pressuposto teórico baseado no artigo *A orientação do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo Milênio* (1997), de Colin Campbell. Por uma questão ética omitimos a identificação dos sujeitos da pesquisa.

O deslocamento da teodicéia ⁽¹⁾

Na prática cotidiana de sala de aula com estudantes universitários, verificamos que a adesão aos novos movimentos religiosos e a expansão do fenômeno é por demais evidenciada. Em comparação com os dados da pesquisa do primeiro e segundo semestre de 2007, constatamos, no primeiro semestre de 2008, significativo aumento no percentual dos sem religião. Dados esses que nos levaram a refletir sobre a penetração de idéias e de crenças de caráter esotérico em todos os níveis, assim como o deslocamento de imagens e representações

simbólicas das religiões. A introdução da concepção místico-esotérica de mundo aparece tanto entre cristãos como entre adeptos de outras religiões e entre os não religiosos. O fenômeno é evidente nas respostas às questões referente às imagens de Deus em praticamente todos os depoimentos.

Observamos, ainda, significativa ampliação e diversificação dos movimentos esotéricos diante da escolha dos estudantes em aprofundar temas relacionados a estes movimentos. Constatamos o aumento no contingente dos sem religião, a diminuição do percentual de católicos e o aumento de novas religiões brasileiras e estrangeiras nas classes médias, tais como: Messiânica, Hare Krishna e Santo Daime. Ao mesmo tempo, detectamos grande diversificação de opções religiosas resultantes da combinação de duas religiões, como por exemplo: espírita-daimista, católico-espírita, cristão-budista, etc., e o aumento de cristanismos esotéricos e de criações e/ou combinações individuais, sendo elas: cristão-pagão, cristão, espiritualista, católico-espiritualista, católico liberal, não definida, etc.

Tudo parece indicar que estamos diante de um dilema religioso ou diante de «uma mudança sem precedentes», conforme afirmam Pace (1997), Campbell (1997) e Velho (1997). Para esses estudiosos, o paradigma cultural da teodicéia, que tem sustentado a prática e o pensamento ocidental por cerca de dois mil anos, estaria sofrendo um processo de substituição.

Antes de averiguarmos como esse processo se efetiva entre os estudantes universitários, é necessário compreender a diferenciação entre a teodicéia oriental e ocidental. Para Campbell na teodicéia oriental o divino é imanente em todas as coisas e é parte do mundo – incluindo a humanidade – enquanto que na teodicéia ocidental o divino é transcendente, separado do mundo, controlando-o de cima, tendo-o criado *ex-nihilo* (Campbell, 1997).

O autor continua afirmando que novo paradigma emergente é aquele que tradicionalmente caracterizou o Oriente, isto é, o misticismo, já existente também na tradição pagã. Depois de quase dois séculos de perseguição, seu retorno deu-se via Oriente, porque lá, a tradição mística estava preservada. Essa tradição abrange, diante do vazio existencial, desde a tendência à reflexividade e à globalização cultural, retomando seu espaço, incorporando-se à cultura ocidental moderna, até retomar suas próprias raízes místicas, o «neo-paganismo» na Europa, os diversos misticismos das tradições indígenas, africana e pré-colombiana, nas Américas.

Segundo Campbell,

«ocorre atualmente no Ocidente um processo de orientalização caracterizado pelo deslocamento da teodicéia tradicional por uma que é essencialmente oriental na sua natureza (...) e que qualquer que seja a ética a guiar nossa conduta no século XXI, provavelmente será algo congruente com esta nova teodicéia emergente» (Campbell, 1997, p. 5).

Com o termo orientalização ⁽²⁾, Campbell não pretende unicamente referir-se à introdução e à difusão no Ocidente de produtos reconhecidamente orientais, quer sejam mercadorias materiais, tais como temperos, iogurtes, sedas etc.; práticas, como a ioga ou a acupuntura; ou mesmo um sistema religioso completo como o hinduísmo ou o

budismo. Como diz o autor: «tanto artefatos materiais quanto idéias podem simplesmente ser absorvidos ou assimilados sem mudar os valores e atitudes predominantes» (Campbell, 1997). Ele refere-se, portanto, à orientalização como um processo mais amplo e radical, que consiste na mudança de um paradigma. A despeito de estar sendo ajudado pela introdução de idéias e influências do Oriente no Ocidente, o que tem sido mais importante para apressar essa mudança «são os desenvolvimentos culturais e intelectuais dentro da própria civilização ocidental» (Campbell, 1997).

Para explicar esse processo de mudança, Campbell recorre a Marx Weber, que constituiu um esquema para a classificação e análise das religiões mundiais visando uma melhor compreensão da complexa relação existente entre a estrutura institucional socioeconômica da sociedade e sua cultura.

«Essas duas pressuposições contrastantes foram vistas por Weber como exemplificadas no princípio Brahman-Atman da filosofia religiosa indiana, por um lado, e no Deus criador semita, por outro; duas teodicéias contrastantes que caracterizam as teodicéias contrastantes que caracterizam as sociedades do Oriente e do Ocidente... [Após um processo de desenvolvimento cultural, ou racionalização, as duas teodicéias culminaram em dois] sistemas logicamente fechados, representados pela lei do carma, por um lado, e, por outro, pela predestinação calvinista» (Campbell, 1997, p.7).

No final do texto, relata Campbell, Weber conduziu sua análise até a reforma protestante, assumindo que a religião em geral declinaria pelas forças da secularização. Mesmo assim, continua o autor, ao se estender a interpretação weberiana até a atualidade, pode-se dizer que «que o paradigma ocidental perdeu para o oriental» pois o surgimento das ciências nos séculos XVIII, XIX, XX, veio minar primeiro a fé das pessoas na religião tradicional, e em seguida, para esvaziar o otimismo relacionado à ciência e à tecnologia. A teodicéia oriental é menos vulnerável ao ataque da ciência sendo que não é baseada em verdades literais e históricas e é mais compatível com o pensamento moderno em sua aparente abertura e individualismo.

Conseqüência desse novo paradigma é a substituição da imagem do divino tradicionalmente ocidental pela imanente oriental, da religião de igreja e a religião de seita pela religião espiritual e mística, ou seja, uma religião essencialmente individualista ou, como bem ilustra Troeltsch, como «individualismo religioso radical». Outra conseqüência é a crença em Deus ou no divino e na relação desta vida com as outras formas de existência, isto é, na reencarnação (Campbell, 1997).

Daí o surgimento de novos movimentos religiosos que buscam responder a algumas das questões últimas que tradicionalmente têm sido endereçadas às grande religiões e que tenham uma forte penetração social, tais como, umbanda, candomblé, espiritismo ou kardecismo. Novos grupos no interior das religiões cristãs constituídas têm surgido, como, por exemplo, o Movimento Carismático Católico, os neopentecostais e as novas igrejas evangélicas. Além deles, movimentos religiosos externos à religião constituída também aparecem, como os grupos com forte ênfase na busca de uma salvação diante do mal que se encontra no mundo atual. Há uma negação e uma ruptura em relação à cultura abrangente e à ortodoxia religiosa. Buscam o resgate de uma tradição que se

perdeu. Variam na forma de como se dá a salvação. Alguns apresentam uma forma nitidamente religiosa, com hierarquia eclesial, formação de uma comunidade moral e rigidez doutrinária. Outros assumem características menos rígidas, como, por exemplo, o Instituto Osho Brasil, a Organização Brahma Kumaris, entre outros. A maioria, nesse caso, possui fortes inclinações orientalistas, como o Santo-Daime, a União do Vegetal, a Barquinha que, apesar de não estarem ligadas diretamente a grandes religiões, conservam relações com as religiões fortemente instituídas. Dentre esses grupos, mencionamos os de cunho ocultista e esotérico, muitas vezes identificados como sendo de Nova Era, e outros grupos, como, ambientalistas ou ecologistas e fundamentalistas.

Os estudantes universitários e o processo de orientalização das crenças

É evidente, entre os estudantes universitários, o processo de substituição da imagem transcendente do divino tradicionalmente ocidental pela imanente oriental na aderência de uma ou mais crenças, por vezes do tipo religião instituída e esotérica ou até mesmo do tipo oriental. A tendência do jovem é de aderir a uma religião ou movimento que lhe propicie autonomia e liberdade, por outro lado, há jovens extremamente radicais com a própria crença, fanáticos que não admitem a introdução de conhecimentos relativos a outras religiões. Constata-se também no âmbito acadêmico que não há apenas uma introdução de idéias e valores religiosos do Oriente, mas uma fusão das duas concepções, assim como mostram os depoimentos:

«(..) antes de freqüentar o espiritismo eu acreditava que somente dentro do cristianismo alguém poderia alcançar a salvação (...) pude observar que a manifestação de Deus se dá de diferentes formas e a salvação pode ser alcançada por outras religiões (...).»

«A religião é algo muito maior do que se pensa, há diversas manifestações de fé (...) não existe religião certa ou errada, tudo depende de onde e como você nasceu.»

Num universo de aproximadamente 700 estudantes, dos cursos citados, 75% afirmaram acreditar em algum tipo de espírito ou força vital. Esse dado nos levou a perceber claramente a queda na crença de «um Deus Pessoal» da tradição judeu-cristã, com o surgimento de novas formas de viver o cristianismo e nos levou também pensar que há um senso comum apenas sobre os novos movimentos ou seitas religiosas. Alguns estudantes declararam:

«Nas aulas de Cultura Religiosa aprendi mais sobre cada religião, sobre seus ritos, dogmas e também, descobri que a religião pode ser um acontecimento sobrenatural, divino e sagrado. Isso nos ajuda a respeitar o outro e lidar com suas crenças e religiões.»

Outros estudantes assim se expressaram:

«Aprendi a dar mais valor às outras religiões e a pensar mais antes de fazer alguma crítica para as religiões diferentes da minha. É importante o aprofundamento de outras culturas e religiões para compreender o que o adepto de outra religião pensa. O estudo das religiões abriu minha mente para uma vida sem pré-conceitos e uma visão mais ampla das pessoas, compreendendo que cada um tem sua fé e sua crença.»

Para nós que estamos habituados com um certo tipo de discurso religioso, talvez as afirmações acima não façam sentido, mas para um jovem ou adulto que ingressa no mundo da cultura isso representa um salto qualitativo na sua existência.

Se, de um lado, constatamos estudantes adeptos a mais de uma religião e, mais especificamente, a religiões espiritualistas, por outro lado, temos também estudantes que se declaram ateus, mas, mesmo afirmando não possuir nenhuma religião, é na verdade crente de formas variadas de religiosidade.

«(...) após ter conhecido outras crenças, percebi que muitas das religiões não são tão diferentes quanto parecer ser, todas tem Deus ou Deuses como referências para as rezas, missas, procissões».

«(...) mostrando assim que no fundo somos todos iguais não importando a religião».

Há uma tendência forte entre os estudantes de negar o pertencimento a uma instituição religiosa e afirmar a autonomia do sujeito, livre do comando de qualquer tipo de autoridade religiosa. Muitos do que se declaram «sem religião» seguem alguma prática ou alguma crença, principalmente aquelas ligadas ao desenvolvimento do corpo e da mente.

Outro elemento importante é o da «dupla definição». Muitos dos que se declaram católicos podem fazer parte do contingente das novas religiões. Os adeptos, por exemplo, do espiritismo, afirmam ser católicos, pois assim identificam suas heranças, mas agir em termos de religiosidade pessoal e considerando Deus a energia que cada um traz dentro de si. Entre os seguidores do budismo, nem todos se definem como budistas, mas praticam meditação zen, conforme o depoimento:

«Cada pessoa é livre de escolher e de praticar sua religião. Muitas pessoas tomam suas decisões influenciadas pelas família. Alguns freqüentam escolas administradas por grupos religiosos, e outros participam de programas após a escola ou nos fins de semana patrocinados pela Igreja, sinagoga ou mesquita. Há ainda pessoas que preferem não praticar nenhuma religião. Muitas religiões tem adotado as marcas características da cultura juvenil contemporânea para atingir os jovens. Não é raro ver um grupo de rock cristão ou rappers mulçumanos ou cultos especiais para jovens em várias igrejas. No campo espiritual as pessoas precisam ter a noção de onde vieram, como chegaram aqui e para onde vão. No campo profissional, as pessoas precisam saber respeitar o outro com suas crenças e saber lidar com o pluralismo religioso».

Os jovens hoje elegem a própria fé. Muitos autores fazem até uma analogia afirmando que boa parte dos jovens está olhando para a religião como se estivesse diante de uma prateleira de supermercado. Eles acreditam em Cristo, nos orixás e até em deuses, tudo ao mesmo tempo. Sobra, ainda, espaço para a proliferação de crenças alternativas, cujo maior atrativo é o inusitado, como cura por cristais, invocação de anjos e bruxaria. Há também quem considere que a religiosidade está ligada a idade do indivíduo. Quanto mais jovem, menos a pessoa tende a seguir uma religião.

Essas tendências são índices de uma mudança dramática na base das crenças cristãs na sua forma tradicional e, de acordo com Campbell (1999), «sugerem que uma mudança significativa está ocorrendo, uma mudança que poderá significar a derrocada da teodicéia que tem dominado o pensamento Ocidental por dois mil anos».

Estamos diante do surgimento não mais de uma religião de Igreja ou de seita, mas sim de uma religião espiritual e mística como aponta Troeltsch (Campbell, 1997). Para a religião espiritual e mística, todos os seres finitos têm sua existência em Deus, que é o fundamento, ou a alma, a «semente» ou a «centelha» de todas as criaturas. O compromisso do fiel não é mais para com uma autoridade ou com um grupo religioso estruturado em torno de um líder carismático que traz uma mensagem de inovação (Guerreiro, 2006). A religião está ligada com a problemática existencial, e não tanto a curiosidade ou ao interesse reflexivo e especulativo, aos problemas de origem e do fim da vida (Estrada, 2004).

Assim afirma um estudante:

«A religião é importante para que possamos entender as perguntas básicas da nossa existência, independente da raça, cor ou gênero (...). Começo a perceber que não posso julgar ninguém pela sua religião (...) conhecer as outras religiões ajuda também a conviver melhor com pessoas de culturas diferentes».

Outro elemento evidenciado na nossa pesquisa é o impacto do pluralismo religioso na consciência do jovem; o que, em tempos precedentes foi uma crença assumida com convicção absoluta, agora se torna uma opinião ou questão de gosto – ou seja, se torna uma questão de «preferência religiosa».

A sociedade pluralista desafia as religiões a se realizar numa multiplicidade de expressões e práticas salvíficas, significativas porque enraizadas a experiências humanas reais. No nosso país, o pluralismo religioso tem provocado grande instabilidade religiosa entre os cristãos, assim como uma reviravolta hermenêutica, no sentido de uma nova reapropriação ou atualização da mensagem cristã face à pluralidade insuperável dos caminhos que levam a realidade última. Reconhecer o pluralismo como um novo paradigma para as religiões significa recuperar o valor da pluralidade e a riqueza da diversidade, significa reconhecer que a diversidade é uma expressão humana, e que o pluralismo é uma das experiências mais enobrecedoras realizadas pela consciência humana.

Considerações finais

No decorrer desta reflexão, fica claro que Campbell (1997) trata da dicotomia Oriente/Ocidente a partir da visão de Weber. Apesar de ter utilizado um esquema bastante rígido, mostrou-se útil para identificar a tendência, mais especificamente entre os jovens, de seguir movimentos e seitas de tipo oriental, pois essas, de acordo com as falas respondem mais facilmente à busca do sentido da vida. A filosofia ou paradigma oriental despontam como um leque de possibilidades de uma nova consciência ética, uma nova mentalidade, uma nova forma de vida, sem os dualismos corpo/mente, homem/natureza, espiritual/físico os quais são superados.

A partir das considerações feitas pelos estudantes percebemos a importância cada vez maior do Programa de Aprendizagem de Cultura Religiosa no âmbito da Universidade PUC - PR.

A fala de alguns estudantes possibilita-nos concluir que:

«Aprender sobre outras religiões me fez fugir um pouco da nossa realidade e mostrou-me que há um 'mundo' grande com muitas coisas novas para conhecer. Cada cultura tem a sua peculiaridade e cada povo apesar de estar distante tem características parecidas, pois, afinal, todos somos seres humanos iguais. Precisamos aprender a olhar as religiões de uma maneira menos agressiva (...) e no estudo das várias religiões consegui ver pontos de ligação entre elas. As religiões estão voltadas para o bem, ajudam o homem saciar sua sede de Deus de diversas formas. As religiões ajudam a sociedade a se organizar e influenciam nos aspectos sócio – cultural, político e econômico. Além de diferentes crenças originarem diferentes culturas. A Religião faz parte do dia a dia (...) ajuda a responder a questões fundamentais da vida: de onde viemos, onde vamos ... quem somos (...) nos influencia todo o tempo e nos ajuda a obter a paz do espírito. Além de ser forte, a religião é muito curiosa, tem assuntos impressionantes. Já presenciei alguns cultos, tive experiências marcantes e um pouco assustadoras (...). A religião deveria ser mais humana e menos legalista (...). Compreendo as religiões como simples abstrações subjetivas que surgiram para amenizar o medo das pessoas perante a existência».

«Após as aulas de Cultura Religiosa passei a dar mais importância a minha religião pelos ensinamentos que descobri, eu não conhecia até mesmo a minha religião. Estudando as religiões consegui quebrar como os preconceitos, (...) muitas religiões se aproximam com suas atitudes, suas crenças, seus ritos, como também se distanciam umas das outras por causa das suas ideologias. Existe algo que transcende a vida. Sem uma religião o homem pode cair num relativismo, percorrendo o curso da história sem um rumo certo. A experiência do homem com o transcendente capacita o homem a valorizar a vida (...) A religião mais do que nunca, se faz presente hoje, visto que o relativismo e os valores morais estão sendo colocados em último plano».

Não temos a pretensão de dar por concluída esta pesquisa. Muitas questões identificadas no nosso trabalho, tais como, medo da morte, individualização, religião sem instituição, individualismo, experiência interior da fé, exclusão por meio da crença, ausência de respostas e o fenômeno da conversão ficam em aberto e podem servir de subsídios para investigações futuras.

De acordo com Castells (2001), «uma nova identidade está sendo construída, não por um retorno à tradição, mas pela manipulação de materiais tradicionais para a formação de um novo mundo divino e comunal, em que massas excluídas e intelectuais marginalizados possam reconstruir significados em uma alternativa global à ordem mundial excludente».

Como dar conta deste fenômeno, é a questão que permanece inconclusa. O mundo vindouro é esse crescimento aberto de relações relacionais e relacionantes. Visualizar o futuro da religião desde uma perspectiva intercultural é vislumbrá-la desde a experiência cosmologia e antropológica de um ser humano em processo de ser mais religiosamente desde sua identidade religiosa cultural ou religião atual. E é nesse contexto desafiador que se coloca a vocação do professor.

Informações sobre o autor

Clélia Peretti. Graduada em Pedagogia (Itália/Brasil) e em Ciências das Religiões (Itália); Especialista em Gestão de Escolas (PUCPR); Educação a Distância (UNB); Mestre em Educação (PUCPR); Doutoranda em Teologia – IEPG - São Leopoldo e Bolsista da CAPES.

Notes

- (1) A palavra teodicéia parece ter sido cunhada por Leibniz, em 1690, para se referir à defesa de Deus contra os ataques efetuados por uma consideração do mal tanto moral como natural. Rapidamente passou a ser usada num sentido mais amplo, para designar o estudo da compatibilidade da idéia de Deus com a existência do mal, e, de maneira ainda mais genérica, como sinônimo da teologia filosófica (Campbell, 2001).
- (2) Conforme Appadurai (1996), o termo Oriente que não é da geografia, mas de uma região imaginária, pois a imaginação é agora uma categoria central para compreendermos um fato social e um componente-chave da nova ordem global.

Referências

- Appadurai, A. (1996). Disjuncture and difference in the global cultural economy. In A. Appadurai, *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bell, D. (1980). The return of the Sacred. In D. Bell, *The winding Passage*. Cambridge: Ab Books.
- Bingemer, M. (1992). *O impacto da modernidade sobre a religião*. Ed. Loyola: São Paulo.
- Blanco, J. (1995). *Una visión alternativa de la posmodernidad*. Habana: Tercer Milênio.
- Campbell, C. (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Campbell, C. (1997). A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade* 18 (1), 5-22.
- Castells, M. (2001). *O poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Editora Paz e Terra: São Paulo.
- Estrada, J. (2004). *A impossível teodicéia. A crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas.
- Guerreiro, S. (2006). *Novos Movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas.
- Hoover, St. M., Lundbry, K. (1997). *Rethinking media, religion and culture*. Londres: Sage.
- Houtart, F. (2002). *Mercado e religião*. São Paulo: Cortez.
- Pace, E. (1998). O futuro da religião na Europa. *Religião e Sociedade* 19 (1),19-28.
- Taylor, C. (1994). *Le Malaise de la modernité*. Paris: Le Cerf.
- Teixeira, F. (2007).O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões.*Revista Concilium* 319 (1),24-32.

Velho, O. (1997). A orientação do Ocidente: comentários a um texto de Colin Campbell. *Religião e Sociedade*, 18 (1), 22-47.

Velho, O. (1998). O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?. *Religião e Sociedade* 19 (1), 9-17.